

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

16 de Abril de 2005 • Ano LXII • N.º 1594
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Aclio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788998 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Moçambique

João Paulo II um Pai Universal para toda a Humanidade

ANDAMOS todos emocionados com a morte do nosso Papa João Paulo II. Não certamente pelo inesperado, mais pela falta da sua presença gigante e da vibração da sua Fé, que reverberou e derrubou muros humanos e não só, pelos cantos do mundo. É claro que nem os Jornais nem a TVM ocuparam tanto o seu espaço como em Portugal, donde fizeram uma difusão exaustiva do acontecimento. E não fosse pela Fé, ao menos pela demonstração de filial apreço captado em tantas pessoas de tão variados pontos do mundo, os locutores não esconderam a sua emoção.

Em nossa Casa, também os Rapazes se uniram em oração aos milhões que viveram os dias

angustiosos da doença e da transformação dolorosa da Vida. Lembrei a todos, o que alguns já sabiam, mas nem muita gente sabe, o interesse que o Papa tinha em seu coração de Pai Universal, pelas Crianças da Rua.

Na sua visita ao Uganda, já lá vão anos que não sei precisar, lançou a ideia da construção de três Aldeias de Rapazes a construir com o seu apoio: no próprio Uganda, em Manila e numa outra cidade do Brasil, as mais marcadas no mundo pelo absurdo número de Crianças da Rua. Em pouco tempo, creio que em Kampala mesmo e aproveitando o espaço onde houve a maior concentração de cristãos, foi erguida uma delas, para mais quinhentas

crianças. Isto foi dito, nesta Casa de Moçambique, pelo então Núncio Apostólico, de nacionalidade polaca e amigo pessoal do Santo Padre, e com um ar gaiato também, me dizia que, como os outros Países demoraram muito em organizar Comissões de Honra e coisas no género, ele apanhou ao Santo Padre todo o dinheiro das três, para levantar aquela grandiosa Aldeia, que tem por centro uma Capela em forma de Coração, precisamente construída para a visita do Papa. Mostrou-nos as fotos que trazia consigo, nesta sua saudosa visita. E com espanto dizia, ao ver o nosso funcionamento interno: «Precisavam vir, aqui, aprender como é o vosso sistema, porque lá têm mais de quatrocentos e vinte funcionários». É caso para dizer à maneira do Evangelho: «quem tem ouvidos para ouvir, oiça».

Senti pena de ver a *pose* dos Senhores Cardeais, ao passar junto daquele corpo sem vida. A certo momento começaram a tirar o «solideo». Pareceu-me que um, de Rito Oriental, lhe tocou de leve num pé, num gesto humilde de Fé eloquente. Ninguém merecia desapestar-lhe as sandálias do pés. Que belo remate da Semana Pascal, quando na Igreja toda, ressoam Aleluias de alegria, poder saborear tal adesão e testemunho de não crentes ao Santo Padre, que foi verdadeiramente um Pai Universal para toda a Humanidade.

Padre José Maria

Setúbal

Evangelho dos Pobres

NA retrospectiva da vida do Papa João Paulo II, a qual nunca poderia deixar de ser feita por tão valiosa que foi, escutámos, numa ocasião em que estive entre nós, mais que um apelo, um mandato: «Portugal, convoco-te para a missão!»

Esta palavra chega-nos agora de novo aos ouvidos, e começamos a pensar no sentido profético que a envolve. De facto, ainda não se pôs em marcha, verdadeiramente, esta convocatória.

Se olharmos à nossa volta, não vemos sinais convincentes de um maior empenho no anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo. Nós próprios nos sentimos tantas vezes estupefactos perante a falta de força na Fé, no nosso meio.

Lá longe, onde labutam os nossos Padres em África, o trabalho é feito pelos mesmos missionários de há muitos anos. Alguns leigos jovens, têm dado algum do seu tempo à missão. Um mundo de necessidades enche a vida daqueles para quem o Papa nos convocou. Para quando a efectiva resposta a esta voz de chamada?

Nestes dias multiplicam-se orações; também os elogios à sua acção; sente-se uma maior unidade na comunidade humana. A consequência óbvia será fazer aquilo que ele nos mandou, como ele se dedicou a cumprir aquilo que o Mestre de todos o incumbiu.

É um trabalho necessitado de meios e saberes, mas é sobretudo a necessidade de boa vontade de querer bem por aqueles a quem se é enviado. Só um mundo de injustiças requer a presença dos mensageiros da Boa Nova, pois os que têm saúde não precisavam de médico.

Continuamos a contar com o seu apoio no Céu, onde a sua oração, por graça de Deus, converterá em acção a disponibilidade dos servidores do Evangelho dos Pobres.

Padre Júlio

Evolução

O dicionário latino diz que *evolutio* é «acção de desenrolar, de ler». Evoluir será, seguindo o étimo, acompanhar o *desenrolar* da vida e ler, ir aprendendo a ler, os *sinais dos tempos*.

Pensamos no Homem, que sendo a criatura primeira para quem são todas as outras criaturas, corre o risco de ser *coisificado* pelo desenvolver das suas próprias criações. A tentação do fruto proibido permanece através das gerações.

Para quem entenda evoluir simplesmente por mudar, estamos muito próximos de Adão, que julgou poder tornar-se autor de um novo *paraíso terreal* e produziu um mundo de contradições, onde a alegria de viver é reconquistada a fazer dia-a-dia por cada homem.

Evoluir é verbo de vida, sem dúvida; mas a acção que significa, ambivalente: tanto pode ser progredir como regredir. Será que o Homem, *ele mesmo*, tem crescimento concomitante aos progressos maravilhosos das ciências e tecnologias que vem desenvolvendo?! Não é, até, que se assiste a uma dilatação da adolescência, talvez pelo contágio das altas velocidades hoje possíveis que imprimem pressa febril que se generalizou e se tornou em filoso-

fia de «aviário», transportada dos pintos e dos legumes para o viver do próprio Homem?!

Evoluir, para ser seguramente verbo de vida, exige um acompanhamento constante, uma atenção crítica, autocrítica, sem a qual é fácil perder o pé neste mar alto e imprevisível que é o nosso mundo. Para que válida, a evolução tem de ter metas; e o supremo critério é sempre o Homem — a satisfação dos seus direitos na exigência do cumprimento dos seus deveres. Este é o ponto de equilíbrio.

Será que falar em evolução, simplesmente, tem sentido?

É inegável que aconteceram mudanças vertiginosas nos últimos decénios. Nem pergunto se todas foram para melhor. Pergunto, sim, se o saldo global é positivo, se o homem de hoje goza de mais estabilidade, se é mais feliz, depois de postergados valores, referências tidos como certos e fundamentais. Se não foi, porventura, ultrapassado e atropelado, pela vertigem das mudanças, assíntomas dos tempos de reacção que lhe são próprios, que são da sua natureza — e «a natureza não dá saltos!»

Não vamos, pois, absolutizar a evolução e fazer dela a norma. Os últimos decénios (como todos os

Continua na página 4

Património dos Pobres

O Património tem andado com a construção da casa de um de três irmãos que estiveram algum tempo em Paço de Sousa.

Primeiro veio o mais velho pedir uma ajuda para comprar a casa onde já vivia. O senhorio queria vendê-la e ele tinha preferência. Fui vê-la; pareceu-me bem a compra, confirmei a ajuda e dei-lha: 7.500 euros.

O rapaz tem já três filhos. A moradia encontrava-se em bom estado de conservação e bem localizada.

Se a minha alegria foi grande a dele foi maior! Telefonou para os outros dois irmãos a dar a notícia e com intervalo de poucos dias cá estavam ambos, um, num dia, e outro, dois dias a seguir. Parecia que nos tinha saído o totobola e urgia distribuir, por eles o dinheiro.

Como é prática obrigatória, fui a casa deles observar as condições habitacionais.

Vim a saber depois pelo Padre Carlos, que eles e o pai lhe fizeram a vida amarga com fugas e outras partidas do género. Nem a polícia conseguiu nada. Pouco aproveitaram da nossa Casa.

Agora, que são homens com dificuldades, vêm dizer-me que são gaiatos! Repete-se a parábola

do filho pródigo. Vêm motivados pela necessidade.

Desfiz-lhes algumas das ilusões e prometi-lhes uma visita.

O do meio trouxe a mulher e o filho a contarem-me onde viviam e, qual o seu sonho.

Moravam numa sala grande cedida pela Sogra, de paredes grossas, em pedra, dividida ao meio por aglomerado de madeira, servindo, de um lado de cozinha e sala e do outro de quarto de dormir, para pais e filho de 7 anos. Não havia casa de banho, e, era essa a sua maior preocupação, que a promiscuidade com o filho não os afligia muito. Foi preciso alertá-los.

Por detrás da referida sala e ligadas à mesma, uns cunhados haviam levantado três paredes em tijolo de 15, alargando o espaço, o qual lhes sugeri fosse aproveitado para ampliarem a habitação.

O seu pensamento era abandonarem o sítio e comprarem um andar na cidade.

Um andar tem sempre o condomínio, o saneamento, os resíduos sólidos e outras despesas de

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DOIS MILHÕES DE POBRES

— Em Portugal há, pelo menos, dois milhões de Pobres; mas o número poderá ter aumentado nos últimos anos, admitiu um economista, defendendo a adopção de uma diversidade de soluções para os diferentes tipos de pobreza.

No IV Congresso da Associação Cais, que se realizou na Fundação Luso-Americana, o referido técnico realçou a «diversidade» da Pobreza, que se tem agravado nos últimos anos. Actualmente, a Pobreza atinge com mais incidência os idosos com pensões baixas, os desempregados de longa duração e recorrentes, as famílias monoparentais e outras minorias. Além da Pobreza, referiu também a Exclusão social em que vivem os idosos em geral, «não só os que possuem pensões baixas», etc. Para minorar estas Pobrezas, defendeu igualmente uma combinação de políticas sociais e económicas para atacar os males.

No entender da dita Associação, quanto mais o País se vai desenvolvendo, maior é o fosso entre os Pobres e Excluídos e a restante população. Apesar de não existirem estatísticas, foi realçado também o aumento da Pobreza e da Exclusão social, sobretudo na população imigrante.

Também, no Congresso, o Presidente da República questionou a razão porque o número de dois milhões de Pobres é o mesmo «há muitos anos». Questionou igualmente o destino dos fundos estruturais que Portugal foi recebendo desde que integrou a União Europeia. Porque «não há portugueses dispensáveis», pedindo uma maior ligação das associações que lidam com os mais desfavorecidos.

PARTILHA — Quinze euros, da assinante 10770, de Vila Nova de Gaia. «É uma pequena importância, bem sei, mas é com admiração e estima de sempre, congratulando-me com os estímulos que recebem de todos. Se não for pedir muito, agradeço uma oração pela alma de meu marido».

A remessa habitual, 150 euros, da assinante 57002, de Senhora da Hora, «pequeno contributo do mês de Março, para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, se for possível para os mais idosos. A aplicação desta pequena migalha, sei que será dada com muito amor e carinho».

A assinante 5963, de Paço de Arcos, presença, há muitos anos, com uma partilha para vários sectores da Obra da Rua.

De Rio de Mouro, a assinante 22890, com um cheque de 50 euros. «A minha intenção é que o donativo consiga suavizar um pouco as vossas despesas. Muito agradecida ficava se lembrassem a alma do meu bom marido. Só a ele devo a possibilidade de poder ajudar todos os que mais precisam».

Dez euros e cinquenta cêntimos, da assinante 56964, do Porto, que diz: «Deus vos ajude a ultrapassar as calúnias de que ultimamente são alvos. Mas também sacrificaram Jesus Cristo».

Do assinante 11971, de Lisboa, 50 euros «para tantas necessidades da vossa Conferência».

Cinquenta euros, da assinante 28637, também de Lisboa, «para o que acharem melhor».

Covilhã, 20 euros, do assinante 74442, «para os Pobres, em louvor do Santíssimo Nome de Jesus».

Em nome dos Pobres, o nosso muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

PÁSCOA — Celebrámos com alegria a Vigília pascal na noite santa, começando no largo da Capela com a bênção do lume novo. O toque da sineta, no Glória, e os cânticos não deixaram adormecer. Depois, fomos cear para o refeitório.

No Domingo de Páscoa, recebemos na nossa Capela, ao cair da tarde, a visita pascal.

Alguns amigos ofereceram-nos pão-de-ló. Obrigado! Os folares foram feitos por nós.

ESCOLA — Alguns rapazes do 2.º e 3.º ciclos aproveitaram as férias para recuperar tempo perdido na Escola, uma vez que as notas do 2.º período não foram animadoras. Precisamos de nos agarrar aos livros e não faltar às aulas, que já recomeçaram.

JUEBOMBEIRO — No dia 2 de Abril, sábado, os jovens bombeiros do distrito do Porto escolheram a nossa Casa para organizar o seu dia anual. Várias corporações de Bombeiros, demonstraram, com dezenas de voluntários e muitas viaturas, as diversas situações de perigo, nas áreas da saúde e dos incêndios. A nossa Aldeia encheu-se de crianças. Interessante foi a prova de cinotecnia (cães treinados). Muito obrigado!

Rolando Polónia

DESPORTO — Os Juvenis receberam a União Desportiva do Airão, da Associação de Braga a quem ganharam por 4-3. Jogo difícil e nada bem jogado pela nossa parte. Não gostei!... Ficamos convidados para retribuir a visita quando nos for possível.

Uma semana depois a mesma equipa de Juvenis, defrontou o Grupo Desportivo da Apúlia a quem ganharam com golos de «Bolinhas», Abílio, Licínio, Ricardo Filipe, Rolando e André. Uma primeira parte de luxo e uma segunda onde se brincou e se tornou desagradável. Sofremos três golos que se podiam ter evitado.

No dia seguinte, Domingo, os Seniores levaram a capricho a meia dúzia dos Juvenis e resolveram aumentar a *fastia* com golos de «Bolinhas» (3); Abílio (2); Serafim (1) e «Carlos Pote» (1), não tendo o «adversário» desfeiteado o nosso guarda-redes, que tem subido de forma de jogo para jogo. Se na primeira parte se praticou futebol de luxo, na segunda em nada foi inferior. Há Rapazes na nossa equipa que mereciam ser destacados como por exemplo: «Bonga», o incansável; Serafim, o estratega da equipa; Rogério e Teixugueira, a invejável dupla de centrais; «Bolinhas» e Abílio, os «carrascos».

Os Juvenis receberam o Clube Desportivo Leões de Seroa, a quem ganharam por 6-2, apesar de terem sofrido o primeiro golo do desafio. Um jogo sem grande história a não ser, mais uma vez, o registo do feito pouco simpático do Patrick, muito embora, outros lhe estejam a querer seguir as pisadas, sobretudo nos treinos. Vamos andando e vamos vendo!...

Os Seniores receberam os Heróis Futebol Clube a quem não conseguiram ganhar. Quando não dá, não dá! Os nossos rapazes tudo fizeram para dar a volta ao resultado, mas a sorte não estava do nosso lado. Ainda marcámos o golo do empate, por Gil, não

RETALHOS DE VIDA

Sou o Fernando Soares, entrei na Casa do Gaiato há 28 anos; na altura tinha sete.

Vim para a Casa do Gaiato, porque tinha sido baleado, tendo perdido a perna direita. Assim que fui levado ao hospital, perdi o contacto com os meus pais, visto que eu era sempre transferido de um hospital para outro.

Hoje tenho 35 anos de idade e já constituí família. Tenho já cinco filhos. Continuo a trabalhar para a nossa querida Obra da Rua com muito carinho e sinto-me orgulhoso como professor e responsável do nosso Lar, na fazenda da Carianga. Porém, a vida não tem sido tão fácil, principalmente no que diz respeito ao transporte. Tenho tido grandes dificuldades para resolver certos assuntos, não só relacionados com o trabalho, mas também pessoais. Pois, com uma perna amputada, desloco-me sobre uma muleta ao longo de todos estes anos, o sovaco ganhou um calo duro como pedra.

Nesta conformidade e confiando em toda a gente de caridade e boa fé, que tanto têm contribuído para o bem das nossas Casas de África, em particular a de Malanje, que me ajudem a resolver este problema com uma moto de três rodas para deficientes. Se houver esta possibilidade, peço que a enviem para a nossa Casa do Gaiato de Lisboa e cá chegará.

Muito grato pelo vosso amor e carinho. Rogo a Deus que vos ajude e pague por tudo.

Nando Soares



tendo sido o suficiente. No entanto, todos os rapazes estão de parabéns pelo bom trabalho e pelo exemplar comportamento durante os 90 minutos. Seria injusto destacar quem quer que seja desta briosa equipa capitaneada pelo «Bonga».

CAMPEONATO INTER-CASAS DO GAIATO — Não pára. Tem sido uma constante. Desta vez deslocámo-nos à Casa do Gaiato do Tojal, onde fomos bem recebidos por todos. Saímos de Paço de Sousa por volta das 8h00. Parámos na Mealhada para descansar e... tomar um pouco de ar, já que o leitão estava esgotado! Pouco depois, seguimos viagem até Aveiras. Aqui, fizemos nova paragem para dar de comer à dor... com todos os Rapazes bem dispostos e a pensar no jogo, mas sobretudo, em mais um convívio, que ao fim e ao cabo, era o mais importante.

Chegamos ao Tojal por volta das 12h35, debaixo de chuva que, aliás, foi todo o dia. Depois das respectivas apresentações..., cada um tomou o seu lugar à mesa e toca a dar ao dente. A isto, ninguém diz que não. E ainda bem! Diz o ditado que: «quem não presta para comer, não presta para trabalhar». Nós, cá em Casa, não queremos que ninguém faça o nosso trabalho!... Não é verdade, hóóó... ninguém ouve! Está tudo ocupado.

Depois do almoço, demos uma volta pela Aldeia, apesar do mau tempo que se fazia sentir, para melhor passar o tempo. Nesta altura, já todos pensavam no desafio de futebol a contar para o campeonato. Os rapazes de Paço de Sousa rondavam o campo para lhe começar a tirar as medidas. Para os do Tojal, as medidas estavam mais que tiradas. E tanto que estavam, que jogando eles, mais os seus três amigos do peito, foi necessário expulsar um dos nossos, sem se saber porquê, para conseguirem ganhar por 3-1. A equipa do Tojal é forte e objectiva,

não precisa, creio eu, de tantas benesses. No final do encontro, passámos pelo refeitório para comer qualquer coisa.

Depois de nos despedirmos de toda a gente, regressámos a Casa, bem dispostos e em autêntica euforia de alegria. Foi toda a viagem assim. Não são estes esquemas que nos tiram a alegria de viver e de continuarmos a fazer tudo como manda a lei dos que gostam de dormir descansados. Cada vez gosto mais de andar com estes rapazes que, tendo cada qual o seu feito e a sua maneira de ser, fazem com que tudo seja um *mar de rosas* no meio deste jardim, com tantos cravos carregados de espinhos.

O outro encontro entre Miranda e Setúbal, registou um empate a quatro golos. Tudo indica ter sido um bom jogo.

Alberto («Resende»)

Setúbal

VACARIA — A nossa vaca «brinquinha» já está boa. O veterinário operou-a e ficou tudo bem. As nossas vacas continuam a produzir bom leite. O Amândio já anda a cortar a cevada para o gado.

CANTEIROS — O «Lota» e o «Monchique» andaram a pintar os pilares para porem à volta dos canteiros. Depois abriram buracos para pôr os pilares seguros com cimento. Os serralheiros depois vão montar a corrente aos pilares.

OBRAS — O senhor Paulo e o Garcia andaram a arranjar a casa 2,

Meu testemunho

O marco da Fé Cristã

DIA 02/04/2005. Faleceu o Papa João Paulo II, às 20,37 minutos, hora portuguesa.

Homem de Fé inabalável, humilde, um exemplo a seguir por todo o mundo.

O seu Pontificado deu ao mundo um novo alento para todos os cristãos, assim como reforçou a Fé à nova juventude dos dias de hoje.

Abriu as portas às novas religiões e humildemente pediu perdão, aproximando as mesmas.

Espalhou a Boa Nova a todos os Continentes e, com a sua presença física, pediu a paz e a concórdia entre todos os povos.

Defendeu os mais humildes e os mais explorados. Lutou contra as guerras e desprezo pela vida humana, dando ao mundo o seu exemplo de vida.

Sofreu na carne e na alma a prepotência e a exploração dos homens. Não deixou ao acaso o exemplo do Samaritano. A sua vida deve ser um exemplo para todo o mundo e para todas as religiões e credos.

Na hora em que partiu, só nos resta a esperança da sua presença em espírito junto do Senhor Nosso Deus.

Partiu e cumpriu a sua missão, deixando ao mundo o caminho a seguir, por ele palmilhado na esperança de um mundo melhor.

Na sua passagem terrena, deixou uma pequena semente para que cresça e dê frutos.

A Oração foi a grande arma da sua vida, no Terço por ele rezado era bem visível a devoção que mostrava aos cristãos em Nossa Senhora, Mãe de Jesus.

Cumpra-se a vontade de Deus. Perdoai e amai como Eu vos amei!

Júlio Silva

Correspondência dos Leitores

Força para os combater!

«Envio dois recortes do jornal Correio da Manhã sobre a 'suja' polémica levantada ultimamente sobre as Casas do Gaiato.

Se não se vislumbrassem, muito mal disfarçados, os ataques à Igreja e suas obras, que toda esta campanha claramente mostra, dava vontade de rir...

Realmente, perante a acção formidável e os resultados altamente positivos que a intervenção e os métodos do Estado têm mostrado na reinserção social dos jovens por eles acolhidos e educados em todo o País, não pode haver ninguém que deixe de lhes dar crédito...

Esses 'iluminados, cultíssimos, com uma vida prática plena de conhecimentos e teorias lindas' que continuam a privilegiar o facilismo, o desamor ao trabalho, o desrespeito, a indisciplina, como o melhor para educar crianças e adolescentes, ainda não terão visto para onde conduzem esta juventude e em breve este País?

E bombardeando-nos, do alto da sua cátedra com todos os canudos, bacharelados, pós-graduações, colóquios e congressos com que tanto se preocupam e com que tanto se ocupam, não sentirão próximo o abismo para onde nos conduzem?

E não têm o mínimo respeito e o mínimo de gratidão por quem trabalha a sério e que mostra resultados tão bons e há tantos anos!...

Desculpem este desabafo, mas se algum consolo vos dará este

meu sentir, creio ainda poder afirmar-vos uma coisa que de certo é do vosso conhecimento: Convosco está, de certo, a grande maioria do País!

Força para os combater!

Fico por trás, com as minhas orações, a pedir por todos vós!

Assinante 77013».

Homenagem à Obra da Rua

«Neste momento de dor e sofrimento por que passa a Obra da Rua, quero prestar-lhe a minha homenagem e agradecimento pelo muito que já fizeram às crianças e jovens que pareciam perdidos, mas que o vosso saber educar, cultivar e fazer Homens com H grande, deu e continuará a dar lições de pedagogia e de psicologia àqueles que de 'canudo' em riste apontam erros que só eles e pouco mais vêem.

Continuem nessa luta que é de Cristo para os Rapazes, pelos Rapazes e dos Rapazes.

Que mais querem se do Alto vem uma Luz que vos guia?

Assinante 25292».

Casos gravíssimos

«Tenho acompanhado com muito interesse as tomadas de posição dos 'Amigos da Casa do Gaiato' que queria louvar.

Venho testemunhar o que, como professora numa Escola EB2/3, me dou conta sobre a incapacidade de respostas do Estado

(Segurança Social, Comissão de Protecção de Crianças e Jovens, Instituto de Reinserção Social, Tribunal de Menores...) para casos de extrema necessidade de intervenção, em que a família é completamente ausente.

Efectivamente, sempre que se recorre a uma dessas instituições para colaborar com a Escola, os recursos não existem: ou não temos resposta, ou a intervenção limita-se à organização de um processo ou elaboração de relatórios, entrevistas com a criança elou família, ou no caso do Tribunal a uma admoestação e ameaça de que, se não mudar, aos 16 anos será detido — mas nada disto é intervenção adequada e eficaz para casos gravíssimos, por vezes no limiar da marginalidade e pré-delinquência.

Existem serviços com técnicas superiores, com boa capacidade de atendimento, boas instalações, mas que não passam daí. Existem serviços, mas não têm respostas. Parece que se esgotam na sua própria existência. Mas se as respostas na intervenção directa, constante, efectiva, não existem, para que servem as redes de serviços?

É aqui que me parece a grande diferença da Casa do Gaiato — não tem redes de serviços, mas tem resposta. Resposta comprometida, sem desânimo, procurando criar com a criança uma ligação afectiva, cuja falta está na origem de muitos problemas.

É a família que falta e a Casa do Gaiato procura criar toda a dinâmica que a vida em família supõe — e em que o sentido de responsabilidades assumidas e tarefas realizadas é factor de equilíbrio e educação (sem embarcarem no tão famigerado medo do 'trabalho infantil').

Quantos casos de alunos que rejeitam a escola, que não têm acompanhamento familiar, que são crianças de rua a trabalhar — e a lei que os força a esperar pelos 16 anos, não os ajuda; pelo contrário: nem estudam, nem fazem nada — vão criando hábitos de parasitismo e marginalidade e quando chegam aos 16 anos já é tarde demais.

Neste quadro tão dramático da sociedade que nos envolve, sem capacidade de resolver problemas tão graves, andam Serviços à procura de algumas imperfeições, naqueles que efectivamente são

tuição para que a filha ficasse com ela, com as devidas condições exigidas pela Segurança Social e Tribunal. Não importa o dinheiro, interessa, sim, que se salve uma criança.

Gostei da lição do nosso Sabú. Obrigada caro companheiro... Continua!

CAROS RAPAZES — Vamos continuar a manter os nossos convívios. Podemos ser poucos, mas bons. Não ando bom, mas vou tentar acompanhar-vos. Este tem sido um ano terrível em doenças nos nossos filhos e em nós próprios... Tudo se está a recompor. Não tenho pena de mim mas dos rapazes, nossos filhos e rapazes novos que sofrem de mazelas que podem durar anos; tão novos e tão entusiastas dos nossos convívios. Não falemos em nomes.

O João Evangelista e Quim Carpinteiro dirão de sua justiça no momento oportuno sobre o nosso encontro

Manuel Fernandes

DOCTRINA



«Vai, dá o que tens e regressa.»

NÃO é raro receber eu cartas, nestes últimos tempos, a perguntar se com certa quantia de dinheiro que nelas se diz poderia levantar-se uma Obra social para os garotos da rua. Muitos apresentam o programa e dão indicações seguras do que desejam fazer. São vontades decididas, corações magoados, almas arripiadas do que vêem em seu redor. Porém, «uma coisa lhes falta!» O Moço do Evangelho fez ao Mestre a confissão da sua vida e estava animado de grandes coisas, mas faltava-lhe uma: despir-se! Ora eis. A não ser que o faça para perder a vida, nunca jamais ninguém se lançou à água vestido para lutar com os elementos. Tem que se despir da roupa do uso e vestir outra adequada. Da mesma sorte se faz nas Obras deste teor. «Vai, dá o que tens e regressa.» Ora é justamente na hora «deste» regresso, que se começa a trabalhar e a produzir. Escândalo para uns, loucura para outros, o Evangelho dá sempre muito que falar e os seus obreiros são pessoas muitíssimo discutidas. Estranha forma de proceder, que para se começar qualquer Obra social, se a quisermos genuinamente cristã, haja necessidade de dar primeiramente aos Pobres tudo quanto se possui e depois, assim despojado, sem nada de seu e a depender de todos, se comece a lançar os fundamentos. Estranha forma de proceder!

D. Amín 5!

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

porque o chão da casa de banho deixava passar água. Também andam a fazer uma fossa para as águas da lavanderia. As obras da piscina estão quase feitas.

RETIRO — Um grupo de rapazes foram ao Retiro em nossa casa da Arrábida. Quem esteve lá a acompanhar os rapazes foi o senhor Padre Geraldo. Vimos filmes sobre Jesus, pensámos na nossa vida, rezámos, e o senhor Padre fez algumas perguntas sobre os Mandamentos de Deus e sobre a origem da vida. Viemos para Casa todos satisfeitos da vida.

ESCOLA — Já começou o terceiro período. Os rapazes têm que melhorar o estudo para conseguirem passar de ano, porque é o período decisivo. Esperamos que eles ao longo do período façam para passar.

Horácio

Associação de Antigos Gaiatos de África

CRÓNICAS — Fui, nesta Páscoa, atingido com telefonemas de Antigos Gaiatos de Malanje, reclamando minhas crónicas. Caros companheiros, um dos meus projectos antigos era que os Antigos Gaiatos de África se juntassem numa só comunidade. Foi difícil, mas conseguimos. Temos hoje Benguela e Moçambique, com o nosso entusiasmo de Malanjinos. Para nós foi importante porque sentimos os rapazes de África a fazerem parte da Família da Obra da Rua (Filhos de Pai Américo).

Foram todos os Padres da Obra da Rua que me deram certas orientações, que atra-

vés da escrita, é possível modificar o modo de ser das pessoas, aprendi; foi Padre Horácio e Padre Carlos, faz muitos anos, consegui.

O Zé Luís Pinheiro que se ofereceu para fazer uma crónica e fez, o João Evangelista fez o mesmo. Benguela entrou em força e temos que dar uma oportunidade que África seja uma comunidade. Conseguimos que rapazes de Benguela e de Moçambique se juntassem a nós no 40º aniversário da abertura das Casas do Gaiato de África.

Um dia, um Antigo Gaiato perguntou-me qual a Casa do Gaiato de África que mais gostava de visitar? Respondi: — Moçambique!... Mas, como ficou admirado eu disse-lhe: — é a única Casa do Gaiato que não conheço. Com toda a certeza que também iria a Benguela e Malanje.

Eu olho todos os Padres da Rua como Padre Telmo me ensinou: «somos todos vossos amigos e fazemos parte da vossa família». Fiquei espantado por ele não querer ser o meu único pai... Eu sinto todos os Padres de igual modo, até Padre Manuel Mendes e o Padre Manuel Custódio, que nem conheço pessoalmente.

A LIÇÃO DO SABÚ — O Sabú, quando entrou na Casa do Gaiato de Malanje, era um rapaz sossegado e não me lembro de ter algum castigo por se portar mal.

Encontrei-o em Setúbal. Dono de um camião que percorre a Europa. Falou-me da necessidade de mais um camião para não parar. Falei-lhe para conversar com Padre Acílio ou Padre Telmo para uma ajuda que iria pagar aos poucos. A resposta dele foi: — Não! A Casa do Gaiato já me deu muito através de Padre Telmo... — Gostei da resposta!... De homem sério; estamos tentando outra forma. Casado com uma europeia, mas com responsabilidade de homem de família.

Minha filha foi bastante ajudada pelo Património dos Pobres. Casou e mudou de casa. Agora tem a casa emprestada a uma Senhora que conseguimos tirar da prosti-

resposta — real, concreta, autêntica. Que se envolvem com amor e verdade com as crianças.

Também eu acredito que a família, mesmo má, tem laços afectivos insubstituíveis — mas há limites e casos e casos. E é isto que a Obra da Rua percebe (tendo como preocupação a reintegração da criança na família, mas quando possível — sem iludir com 'princípios' e 'ideias feitas', vindo em cada caso o verdadeiro interesse da criança. Quantos alunos que chegam à Escola do 2.º ciclo sem nenhum acompanhamento familiar, se perdem por completo, numa idade em que já não há nada a fazer.

Por tudo isto, bem-haja a Casa do Gaiato.

Assinante 42267».

Liberdade de expressão?

«Não posso deixar de enviar, com imenso afecto e gratidão, o meu abraço profundamente solidário no bem feito, a nós compete.

Quero reforçá-lo com vigor por duas razões:

— A vida que acolheis e recreais, fazendo desenvolver com amor e dor, não a entendem os mesquinhos burocratas, técnicos e políticos a quem alimentam os impostos que os pagam... Não entenderão nunca porque nada fazem — 'compram' tudo feito, assinando de cruz conforme a origem do incómodo...

— Os 'cristãos' do poder que estilham e humilham os pobres e humildes, desfilam e fazem-se fotografar nos primeiros bancos de cerimónias religiosas (causando náuseas a sua fieldade), mas estendem os seus tentáculos, de muitas formas, para destruir o Bem e quem o faz; não têm digni-

dade para contemplar e estimular a doação por inteiro, o trabalho prestimoso e ordeiro, os calores e as regras incutidas que fizeram e fazem de tantos rapazes Homens e Famílias maiores! Regem-se por cifrões e adulações. Quantas páginas da Sagrada Escritura me fazem lembrar...

E mais uma coisa: esta minha revolta, mesmo escrita e assinada, por protestar contra tantos inquéritos, fiscalizações, avaliações, insinuações e dúvidas, quanto aos gaiatos e às suas Casas, mesmo assinada, não encontra eco nem espaço em jornais e revistas para onde a enderecei... A liberdade de expressão e o direito à indignação ignorados ou subtilmente passados para baixo, por deferência ao poder instalado... Mas eles também não sabem nem sonham que a vossa força, a nossa força, tem outra proveniência: É permanente e fiel! Sempre.

Assinante 44772».

Amizade e emoção

«Foi com grande admiração e bastante emoção que acabei de ler o artigo publicado n'O GAIATO: Tudo em pratos limpos. Parabéns pela forma como com tanta clareza e verdade mostra o que é, como funciona, quais os caminhos que são praticados na orientação e direcção da grande Obra iniciada pelo querido Pai Américo e que tão bem tem sido continuada pelos seus continuadores.

Esperamos que Deus faça abrir a inteligência e dê sabedoria a todos aqueles que nos governam e que a justiça se pratique com rapidez e responsabilidade.

Assinante 35041».

Benguela

Silêncio de Portugal em áreas sensíveis para o futuro de Angola

ESTOU a escrever-vos em dia festivo para Angola. É o dia do acordo de paz que pôs fim ao conflito devastador que arruinou a Nação. A paz, sem dúvida, é o maior bem de que o povo desfruta. A tranquilidade, porém, tem sido e é difícil. É verdade que as armas calaram-se. Mas a fome, a nudez, a doença sem remédios acessíveis, continuam a matar sem dó, nem piedade, os filhos mais queridos da Nação. A maior parte deles não quer regressar às suas terras de origem, porque lá não têm as mínimas condições para sobreviver. Sofremos

com eles, em nossa própria carne, dando-lhes a mão para se manterem de pé, onde se encontram.

Algumas pessoas, há tempos, vieram dizer-me que iam para as suas Aldeias, levando o que tinham mais os seus filhos. Não passaram muitos dias até que regressaram de novo, mais pobres do que foram. Nem escolas, nem postos de saúde, nem casas, nem alimentação e condições para trabalharem nas suas lavras. Têm medo de morrer ao abandono. Por isso, ficam e obrigam-nos a carregá-las aos nossos ombros, porque temos mais força. São, deste modo,

uma porção da herança da nossa Casa do Gaiato.

É, sem dúvida, uma experiência nova que vimos a fazer, ao longo dos últimos anos. Os 140 Gaiatos que enchem diariamente a nossa vida e dela se alimentam, não são a única fonte das nossas preocupações, nem tão pouco o maior peso. É o povo que nos bate à porta com toda a carga de necessidades quem mais nos aflige, porque nos sentimos incapazes. Quem nos dera receber do povo os meios para ajudarmos o povo! Mas, não. É por isso que mantemos a mão estendida, por cima do oceano, até chegar às vossas mãos, como

tantas vezes temos confessado.

Não tenho vergonha de dizer que sinto a presença da Obra da Rua, em Angola, como um sinal visível da presença do povo de Portugal, com o seu coração grande, a ajudar a saldar uma dívida de que são responsáveis principais alguns dos seus governantes, doutros tempos. Sim, Portugal tem uma dívida para com Angola, que não está saldada. É, sobretudo, com o investimento humano que devem ser dados passos importantes nesse sentido.

Não posso calar o sentimento de tristeza, porque não de revolta?, por causa do silêncio de Portugal em áreas tão sensíveis para o futuro de Angola e da presença cultural de Portugal em Angola, considerada como uma prioridade, como é o sector da educação. Desço ao concreto: Há dias, na busca de solução para um problema escolar com alguns dos meus rapazes, desejei falar com o responsável dum Instituto Médio de Educação, que nos tem dedicado sempre um carinho muito grande. Não foi possível, no momento, porque estava reunido com um grupo de professores vietnami-

tas, recém chegados, para darem a sua cooperação. Porquê o sentimento de tristeza que me invadiu? Partilhei-o com outro responsável da escola, totalmente solidário comigo. Porque não estão professores portugueses a cooperar? Não haverá professores em Portugal, os quais, pelo caminho da Cooperação, ajudem Portugal a pagar a sua dívida para com o povo de Angola? Quem melhor do que Portugal está preparado, quer pela história, quer pela língua, quer pela capacidade humana de entendimento, para ajudar a geração que guarda o futuro de Angola?

Sim, Portugal tem obrigação e tem o direito que lhe confere a própria História. Acredito na Cooperação que não é feita com discursos de gabinete, mas com os pés bem assentes no terreno. Nasci em Portugal. Amo Portugal. Amo mais Angola, porque mais ferida no seu rosto e mais necessitada da ajuda de quem a tem para lhe dar.

Esta linguagem não guarda o mínimo ressentimento contra a cooperação doutros países. Pelo contrário, admiro-a. Guarda, sim, uma grande dor por causa da ausência de Portugal, onde tem o dever de estar presente para ajudar os filhos desta terra. Portugal fica cada vez mais pobre. Que pena! É um filho de Portugal que escreve.

Padre Manuel António

Pão de Vida

Papa jovem

FOI em Maio de 1982 que apanhámos um susto, por via da primeira visita do Papa peregrino a Terras de Santa Maria. Na Baixa portuense, tanta gente se concentrou que só cabiam mais pessoas nos telhados da avenida principal. Não quisemos, como outros jovens, que seduzia, perder a oportunidade de ser tocados pelo rosto sereno e feliz de João Paulo II. Queríamos ver com os olhos, como Tomé, o *Servo dos servos de Deus*. Neste tempo, também queremos provas da nossa Fé...

Tinha ficado gravada, em nosso coração, a sua exortação no início do ministério petrino: *Não tenhais medo!*

Com o deslize do pensamento contemporâneo para a *morte de Deus* e para um *Deus sem Cristo e sem Igreja*, as suas viagens vieram despertar a alegria e o desafio dos cristãos viverem unidos no essencial e o mundo em paz, conforme o desejo do Senhor: *que todos sejam um*. Teve a humildade, gigantesca, de pedir perdão pelos erros de trajectória eclesial; e foi respei-

tado por fiéis de outras confissões.

Nos primórdios, os *irmãos* reuniam-se nas casas de família e eram assíduos à *fracção do pão*. Foi por causa das nossas fracturas que Cristo Se deixou partir.

Como num vaso de alto preço, é longo o processo de reconstituição do tesouro de barro humano em que mergulhamos.

Quanto desejava visitar a Rússia e a China; onde, em 1992, um Bispo foi morto e entregue à família dentro de um saco de plástico.

No Domingo da Misericórdia, dissemos aos nossos da importância do serviço de unidade dos cristãos, numa presidência de Caridade, segundo Inácio de Antioquia. Frequentemente, a sua *via crucis et lucis* era evocada nas três *Avé-Marias*, na oração do Terço.

A vida desta família passa pela fidelidade e comunhão com o Pastor da Igreja Universal, pela nossa pertença total ao Povo de Deus da Nova Aliança. Nós confiamos na autoridade eclesial, que vem de Jesus: *«Vinde*

comigo». Ai de nós se não fôssemos da Igreja de Cristo!

O modo de vida moderno está longe da estabilidade familiar, em que a lareira e a mesa eram o centro da unidade, que tem sofrido embates sérios dos adeptos do vazio ético.

A nossa Comunidade constitui-se com cacos dos males sociais; mas, temos confiança na Vida. Por isso, valorizamos o serviço dos responsáveis. Quando ausente o chefe de mesa, os companheiros agarram-se à única colher de sopa ou de conduto. O David, nas faxinas, trilha a via áspera de reunir os dispersos. Se falta algum rapaz, ouve-se logo: *— Essa não é a minha parte*.

No refeitório da nossa Casa, nestes dias de saudade, encontra-se, em destaque e como sinal de gratidão, uma singela imagem curvada, vestida de branco, diante de Cristo crucificado, a razão da nossa esperança.

Estes filhos são *todos teus* e precisam de Jesus e Ele quer precisar de nós.

Que os seus sofrimentos e convites nos ajudem a compreender o mistério da Cruz e sejam um chamamento a muitos para se *fazerem ao largo e abrirem as portas ao Redentor*.

Muito obrigado, Papa jovem, *totus Christi*, amigo!

Padre Manuel Mendes

regressiva, pois pelo domínio da terra tem progredido, sim, o domínio dos mais fortes sobre os mais fracos; estes cada vez mais numerosos, aqueles cada vez menos.

Por isso a ideia de que o *moi* de Luís XIV não é meta impen-sável. E esta tendência, hoje, não é assunto de uma nação; diz respeito ao mundo todo.

É em campo de Justiça e de Paz, que só pela fraternidade entre os homens se pode alcançar, a evolução que falta no mundo. E esta, sim, tem carácter de norma.

Padre Carlos

Património dos Pobres

Continuação da página 1

que uma casa da aldeia se livra. Depois o local era muito aprazível: — ao fundo passa um riacho a cantar o ano inteiro, marginado de salgueiros e povoado de melros. O terreno desce em socacos frescos, cobertos de horta e pastos.

— Quantas pessoas, por esse mundo além desejariam um cantinho destes, repleto de poesia, para viverem?!... Vós, tendo-o aqui, quereis ir para a cidade?

Não conheceis um pequeno empreiteiro que vos oriente no aproveitamento de tudo que já aqui tendes construído?

Deixei-os, a pensar. E voltei para casa.

Passadas semanas, pelo telefone, informam-me concordarem comigo e que já tinham orçamento de um construtor. Se eu lá podia ir para vermos e acertarmos as coisas.

O empreiteiro apresentou-nos o plano que achei bem e por bom preço: 9.500 euros.

— Dou-vos sete mil e quinhentos euros, o restante tendes de o arranjar.

Falámos só do esqueleto, pois azulejos, loiças, instalação eléctrica canalização e acessórios de cozinha, portas e janelas, etc., será com eles.

A gente estimula para que eles avancem. Lá andam os dois entusiasmados!...

O esforço comum pela construção da própria casa ajuda muito a unir a família.

Padre Acílio

Evolução

Continuação da página 1

tempos da Humanidade) trouxeram coisas boas e outras muito más. Algumas destas foram acidentes de percurso — pois que se corrijam. E haja honestidade e coragem para eliminar as que não têm correcção.

Nem se absolutizem as leis dos homens, ainda as de um Estado democrático e laico — se não queremos regressar a Luís XIV: em vez do *moi* são vários, mas o

Estado é deles. E não vemos que este aparente absurdo esteja assim tão longe de horizontes possíveis!

Deus criou o mundo e o Homem para «possuir a terra, dominá-la e a fazer crescer» — evoluir, pois! Mas não para dominar os outros homens, sim para conviver com eles fraternalmente em espírito de serviço mútuo. Adão frustrou este projecto e é por aqui que a evolução vai tão débil, tão lenta — diria

PENSAMENTO

Dar de comer, dar de vestir, fazer Justiça. Eis como se ama! E é este amor que falta ao mundo.

PAI AMÉRICO